

AS CRUZES NA SERRA DO LENHEIRO: SÍMBOLOS DE FÉ, TERRITORIZAÇÃO E CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE SÃO JOÃO DEL-REI

*THE CROSSES IN SERRA DO LENHEIRO: SYMBOLS OF FAITH, TERRITORIZATION AND
POPULAR CULTURE IN THE SÃO JOÃO DEL-REI REGION*

 Arlon Cândido Ferreira ^A

 Luiz Eduardo Panisset Travassos ^A

 Ulisses Passarelli ^B

 Ivair Gomes ^B

 Múcio do Amaral Figueiredo ^B

^A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil

^B Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG, Brasil

Recebido em: 19/03/2024 | 20/01/2025

DOI: 10.12957/tamoios.2025.82915

Correspondência para: Arlon Cândido Ferreira (arloncf@gmail.com)

Resumo

No contexto brasileiro, especialmente na região de São João del-Rei, em Minas Gerais, as cruzes são elementos marcantes na paisagem urbana e natural, carregando significados religiosos e culturais. Esse trabalho propôs a investigar as representações dessas cruzes da região, principalmente na área da Serra do Lenheiro, utilizando métodos como história oral e trabalho de campo para compreender as práticas e significados associados a esses símbolos. O objetivo não é apenas compreender, mas também valorizar as cruzes como expressões palpáveis de significados culturais e espirituais, contribuindo para a afirmação da identidade cultural da Serra do Lenheiro. As cruzes destacam-se como elementos dinâmicos na composição da paisagem, evidenciando sua profunda relevância cultural e espiritual para a experiência humana. Sua presença transcende a dimensão visual, manifestando-se de forma multifacetada por meio de diversas expressões simbólicas. Além disso, as cruzes representam o núcleo de uma prática e teoria mística que integra múltiplas tradições e comunidades espirituais.

Palavras-chave: Cruzes; Paisagem; Cultura; Serra do Lenheiro.

Abstract

In the Brazilian context, especially in the region of São João del-Rei, in Minas Gerais, crosses are striking elements in the urban and natural landscape, carrying religious and cultural meanings. This work proposes to investigate the representations of these crosses in the religion, mainly in the Serra do Lenheiro area, using methods such as oral history and fieldwork to understand the practices and meanings associated with these symbols. The objective is not only to understand, but also to value the crosses as tangible expressions of cultural and spiritual meanings, contributing to the affirmation of the cultural identity of Serra do Lenheiro. Crosses stand out as dynamic elements in the composition of the landscape, evidencing their profound cultural and spiritual relevance to the human experience. Their presence transcends the visual dimension, manifesting itself in a multifaceted way through diverse symbolic expressions. Furthermore, crosses represent the coat of a mystical practice and theory that integrates multiple traditions and spiritual communities. It was concluded that crosses reveal themselves as dynamic elements in the landscape, highlighting their significant relevance for human beings. The presence of crosses is not only notable for its diverse manifestations, but also for the development of a mystical practice and theory that involves multiple spiritual cores.

Keywords: Crosses; Landscape; Culture; Serra do Lenheiro.





INTRODUÇÃO

Os símbolos aparecem em todo tipo de representação, tanto consciente e principalmente inconsciente, como nos sonhos, nos mitos populares, no folclore e nas demais expressões populares e culturais. Nesse contexto, podemos exemplificar diversos símbolos, porém vamos nos ater a um desses símbolos mais emblemáticos, a cruz.

A cruz é um dos símbolos mais antigos e universalmente reconhecidos, tem suas raízes traçadas até os primórdios da existência humana, sendo praticamente tão antiga quanto a própria humanidade (CARRERA, 1990). Desde tempos remotos, a cruz foi utilizada não apenas como um símbolo de caráter religioso e cultural, mas também como um instrumento de tortura e martírio, aplicado em suplícios e punições a malfeitores (BELLINO, 2010, p. 270). No entanto, é com a apropriação da cruz pela tradição cristã, especialmente na vertente católica, que ela adquire uma maior dimensão, enriquecendo significativamente o seu simbolismo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2010, p. 245). Ao ser incorporada à narrativa histórica da salvação e paixão de Cristo, a cruz transcende suas origens mais sombrias e se transforma em um ícone que carrega consigo uma carga simbólica profunda e abrangente. A cristianização da cruz não apenas amplia seu significado, mas também confere a ela uma nova camada de interpretação, tornando-se um emblema central na expressão da fé cristã. A trajetória da cruz, desde sua origem até sua consagração como símbolo cristão, destaca não apenas sua longevidade como símbolo, mas também sua notável capacidade de se adaptar e evoluir ao longo dos milênios.

No Brasil, o surgimento e desenvolvimento das primeiras vilas, povoados e cidades foram ligados à presença de capelas, ermidas ou igrejas. Nesse contexto, líderes católicos, sejam religiosos ou leigos, buscavam imprimir uma marca religiosa distintiva na paisagem (SILVA JÚNIOR, 2009). Dentre os diversos símbolos utilizados para tal propósito, a cruz emerge como o mais emblemático, evocando o sacrifício de Jesus e destacando-se como um dos símbolos mais enriquecidos pela carga religiosa. Na região da Serra do Lenheiro, numerosas cruzes assumem uma dimensão e simbolismo polivalentes. Elas desempenham papéis significativos para os praticantes da fé católica, os seguidores de religiões de matriz africana e até mesmo para os leigos, revelando uma dimensão pública e uma natureza multifacetada. A presença diversificada e os variados usos dessas cruzes na paisagem testemunham a transmissão de significados mediante práticas culturais e religiosas, demonstrando uma riqueza simbólica que ultrapassa fronteiras confessionais. Essas cruzes não são apenas elementos geográficos adicionados à paisagem, mas sim o resultado da combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos, tornando a paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 2004, p. 141).

Assim, este estudo tem como propósito investigar as representações das cruzes religiosas e/ou não na Serra do Lenheiro e sua sacralização, buscando analisar as práticas e significados associados. Para alcançar esse objetivo, empregamos uma abordagem metodológica abrangente, envolvendo extenso trabalho de campo e métodos de coleta de



história oral, que abarcam depoimentos e relatos. Ao propor essa reflexão, almejamos não apenas compreender, mas também valorizar as cruzes presentes na paisagem da Serra do Lenheiro. Desta maneira, destacamos a importância desses elementos, não somente como objetos religiosos, mas como expressões palpáveis de significados culturais e espirituais. A utilização de métodos sob a ótica das etnociências e os trabalhos de campo permitiram uma abordagem mais aprofundada e contextualizada, capturando nuances e perspectivas que enriquecem a compreensão das relações entre as cruzes, as práticas locais e a identidade cultural da região. Assim, ao empreender essa investigação, aspiramos contribuir para a valorização da história e para a afirmação da identidade cultural da Serra do Lenheiro, reconhecendo o papel crucial das cruzes na tessitura dessa narrativa cultural e espiritual na paisagem local.

METODOLOGIA

Com base no contexto e nos objetivos do estudo, a abordagem metodológica foi delineada dentro do referencial teórico das etnociências (DIEGUES, 2001; STRACHULSKI, 2014; FLORIAN et al., 2016). Esta perspectiva proporciona uma compreensão das maneiras pelas quais as sociedades percebem as dinâmicas da paisagem, adotando uma abordagem interdisciplinar que explora a relação entre sociedade, natureza e práticas culturais (MARQUES, 2002, p. 32). A aplicação desse método na pesquisa buscou investigar um conjunto de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes associadas às cruzes na Serra do Lenheiro.

A fase inicial englobou a revisão bibliográfica e a formação de um acervo que abrange a literatura relacionada a temática, desempenhando um papel fundamental em todo o estudo. A pesquisa bibliográfica é de uma importância crucial na investigação, pois envolve a busca, coleta, análise, interpretação e avaliação das condições teóricas já existentes sobre um tema específico (LUDWING, 2015, p. 51).

Ao longo do processo contínuo de levantamento de informações, foram realizadas conversas informais com atores locais, incluindo líderes religiosos, guias de turismo e moradores da região, que desempenham um papel direto e indireto no uso das cruzes na Serra do Lenheiro. Essas entrevistas foram conduzidas utilizando o modelo de entrevistas semiestruturadas proposto por Amoroso e Viltler (2010, p. 76). Este formato permitiu uma abordagem flexível e contextualizada, assemelhando-se a uma conversa informal, explorando diversos aspectos como a compreensão da importância das cruzes na região, relatos de experiências nos locais, histórias intrigantes e curiosidades relacionadas ao tema na Serra do Lenheiro, entre outros.

Posteriormente, foram conduzidos os trabalhos de campo, que envolveram a identificação, caracterização e inventário dos locais associados ao estudo. A catalogação de muitos desses locais derivou das informações obtidas nas entrevistas e diálogos realizados com os diversos participantes mencionados anteriormente, além da participação e observação direta nas celebrações/rituais nas cruzes. É necessário destacar



que a lista de locais não constitui um conjunto estático, mas sim abrange todos os lugares utilizados durante o período do estudo, uma vez que a fixação de cruzes segue uma dinâmica própria.

A CRUZ: ORIGEM, SIMBOLISMO E CHEGADA NA REGIÃO

O pensamento simbólico desempenha um papel fundamental na experiência humana, visto que a análise do simbolismo contribui para a compreensão do ser humano sobre sua própria natureza. O ser humano, ao recorrer aos símbolos, visa expressar realidades abstratas, sentimentos ou ideias, atribuindo-lhes um lugar no vasto universo que o cerca (SEBASTIAN, 1996, p. 17). Essa prática simbólica não apenas reflete a complexidade humana, mas também permite a comunicação de conceitos que transcendem o tangível. Esse simbolismo não é estático; ele pode ser construído, reivindicado e utilizado por diversos atores, revelando suas múltiplas facetas (ROSENDAHL, 2012). Nas palavras de Geertz (1989, p. 105-106), a fabricação e utilização de elementos simbólicos são eventos sociais, equiparáveis a outros presentes no meio cultural. Assim, os símbolos não são meras criações públicas, mas carregam consigo particularidades intrínsecas, uma vez que estão profundamente ligados à dimensão dos significados. Eles não apenas representam fenômenos sociais, mas também moldam e são moldadas pela complexa rede de significados que permeia a cultura humana.

Entre os diversos símbolos, a cruz destaca-se como um dos mais antigos, com sua presença atestada desde a mais remota antiguidade em lugares como o Egito, a China e Cnossos, em Creta, onde foi descoberta uma cruz de mármore que remonta ao século XV a.C. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018). A figura cruciforme acompanha transformações das diferentes mentalidades humanas ao longo do tempo, mas foi nas antigas culturas do Mediterrâneo que o símbolo se tornou associado à representação de um instrumento de sofrimento, tortura e morte, sendo utilizado como forma de castigo entre os povos da Mesopotâmia, na Assíria e na Antiga Civilização Romana (PEREIRA, 2022).

Nos primeiros séculos do Cristianismo, a imagem comum da cruz não era fonte de orgulho para os novos cristãos, pois evocava a lembrança do instrumento utilizado como meio de tortura e morte de Jesus. No entanto, um ponto de virada significativa ocorreu com a conversão do imperador Constantino ao Cristianismo e a subsequente liberdade de culto no Estado Romano. Esse contexto propiciou a sacramentação da imagem da cruz, culminando na sua consagração como símbolo cristão durante o Concílio de Niceia em 325 d.C. (STOTT, 2009, p. 9). Esse marco histórico não apenas transformou a percepção da cruz entre os cristãos, mas também solidificou seu papel como um emblema central na iconografia e na prática religiosa cristã.

[...] o primeiro imperador a professar a fé cristã [...] [que] acrescentou ímpeto ao uso do símbolo da cruz. Pois, segundo Eusébio, na véspera da Batalha da Ponte Milviana, a qual lhe deu supremacia no Ocidente (321-313 d.C), ele viu uma cruz iluminada no céu,



acompanhada das palavras *in hoc signo vinces* (“vence por este sinal”). Imediatamente ele a adotou como seu emblema e mandou brasoná-lo nos estandartes de seu exército (STOTT, 2009, p. 9).

Em relação ao surgimento dos cruzeiros, remonta-se aos primeiros séculos do Cristianismo, quando houve uma intensa tentativa de cristianizar sítios e monumentos pagãos, evidenciando a cruz como símbolo do triunfo eterno sobre a morte (CHAVES, 1932). Nesse período, cruzeiros começaram a ser erguidos em diversas regiões do Império Romano, desempenhando o papel de consolidar o processo de cristianização e, simultaneamente, eliminar resquícios do paganismo. Sua localização estratégica em encruzilhadas de caminhos, frequentemente associadas a práticas pagãs, simbolizava a substituição dessas tradições por elementos cristãos.

De acordo com Gonçalves (1959), as cruzes têm uma função relativa aos lugares ocupados no território:

Há os que sagram os sítios considerados perigosos para viajantes (...); já os que dominam os campos e os protegem; os que recordam epidemias ou recorda acontecimentos históricos; os que indicam o local de uma morte violenta (desastres naturais crimes, entre outros, indicando orações de sufrágio); entre outras situações (GONÇALVES, 1959, p. 75).

Conforme destacado por Cunha (2013), a presença da cruz desempenhou um papel crucial nas cruzadas europeias e nas missões empreendidas pelo povo português. Nas estradas medievais, o uso das cruzes como elemento central de devoção e conexão com o sagrado era uma prática comum (BOXER, 2011). Em Portugal, as cruzes eram frequentemente encontradas em praças, igrejas, ruas, cemitérios, ao longo dos caminhos, nos cordões, peitorais, escapulários, mas preces invocatórias, protetoras e até mesmo no velame das embarcações (MACEDO, 2008). Essas práticas religiosas lusitanas acompanharam os portugueses nas grandes navegações e descobertas, conferindo à colonização um caráter distintivamente católico e cruzadístico. A construção de cruzes em áreas recém-descobertas foi uma prática comum durante toda a colonização portuguesa, como evidenciado na descoberta do Brasil (RANQUET JÚNIOR, 2012). A presença marcante da cruz nesse contexto não apenas refletia a fé cristã, mas também simbolizava a expansão do catolicismo e a marca indelével da cultura portuguesa nas terras exploradas e colonizadas.

Inicialmente usada para delimitar a posse da terra, ao longo do tempo, devido à influência do catolicismo no Brasil, o culto à cruz tornou-se popular entre os brasileiros, manifestando-se em diferentes formas e dimensões. Segundo Carvalho (2006), no século XVIII, era comum a colocação de cruzes e cruzeiros nos pontos mais elevados das cidades como uma forma de proteção do local. Com a expansão do domínio português, especialmente em Minas Gerais, com a descoberta dos veios auríferos, em municípios como Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João del-Rei, também se expandiu a cultura portuguesa, na qual a igreja católica era responsável pela implementação de um processo civilizador e pela criação de uma nova cultura, imprimindo as tradições culturais da



sociedade barroca que se desenvolveu (FRANCO, 2004). Acredita-se que as cruzes e cruzeiros erguidos em diversas localidades das vilas mineradoras possuíam finalidades diversas, articulando motivações de caráter religioso e mágico. Carvalho (2005) descreve que essas estruturas tinham como objetivo afastar o “inimigo”, repelir maus espíritos e assombrações que podiam gerar conflitos nas áreas de garimpo, além de oferecer proteção contra perigos como doenças, conflitos familiares e a ação de malfeitores.

Em São João del-Rei, a maior cidade setecentista de Minas Gerais, a paisagem é marcada pela presença significativa de diversas cruzes. Estas são dispostas ao longo de caminhos, próximas a povoações, em encruzilhadas, nos adros das igrejas, nas pontes e em ambientes naturais. Situada totalmente no município de São João del-Rei, a Serra do Lenheiro também incorpora em sua paisagem uma variedade de cruzes que simbolizam as práticas do catolicismo, mas também há cruzes que representam um sincretismo que se originou de um passado escravagista, o que permitiu o crescimento e a possibilidade, além de viabilização de religiões ligadas à matriz africana. Esse cenário reflete, não apenas, a diversidade cultural, mas também a complexidade das práticas religiosas que se entrelaçam na história e na geografia dessa região.

SERRA DO LENHEIRO E SUAS CRUZES

A Serra do Lenheiro desempenhou um papel fundamental na conquista e povoamento de Minas Gerais, pois por ela passava o antigo Caminho Geral do Sertão, posteriormente conhecido como Estrada Real (TAVARES, 2011). Tem um papel crucial na ocupação e formação do município de São João del-Rei, pois o primeiro núcleo habitacional da cidade se estabeleceu nas encostas da Serra (MALDOS, 2000). Foi fonte de matérias-primas, como rochas, lenhas e outros materiais para construções de igrejas, casarios, pontes, etc. Se destacou pela descoberta de ouro, pois as principais jazidas de mineração do município, no período colonial, estavam lá. Ao longo do tempo, a área sofreu diversos processos de ocupação e exploração, além da mineração, como a criação de gado, a agricultura de subsistência, dentre outros.

Para além de sua contribuição como fornecedora de recursos naturais, a Serra do Lenheiro sempre foi um local de importância para atividades religiosas. Estas práticas nem sempre são reconhecidas como oficiais de uma religião ou comunidade religiosa, muitas vezes sendo empregadas de maneira individual ou em pequenos grupos. Diversos religiosos utilizam elementos da Serra para orações e cantos, trilhas para caminhadas e orações no período quaresmal, cachoeiras, cursos d’água, pedreiras para oferendas, entre outros elementos (PASSARELLI et al., 2023). No entanto, as cruzes presentes na paisagem da Serra do Lenheiro merecem uma análise aprofundada, ao representarem uma profunda devoção à vida que marca locais de eventos, sejam eles históricos ou religiosos.

As cruzes presentes na Serra do Lenheiro podem ser categorizadas em quatro tipos distintos, conforme descrito nos tópicos abaixo.



Cruzeiros

A narrativa que envolve os cruzeiros revela uma trama complexa. Esses monumentos, enquanto expressões religiosas, prontamente se apropriam dos pontos mais altos dos montes, muitas vezes associados a antigos cultos ou práticas pagãs enraizadas na ligação com a natureza. Além disso, encontram-se nos adros das igrejas, capelas, ermidas, cemitérios e nos limites das paróquias, assumindo a função de monumentos memorativos e evocativos (CONCEIÇÃO, 2019). Essa disseminação estratégica reflete a intenção de imprimir significados sagrados locais, conectando a espiritualidade com o ambiente natural.

Apesar da diversidade de formas que os cruzeiros podem assumir, variando desde estruturas mais simples até composições mais elaboradas, mantém-se certa padronização em seus aspectos fundamentais. Em muitos casos, observamos uma cruz que se ergue fincada em um rochedo e/ou diretamente em uma plataforma pétrea. Essa uniformidade na configuração sugere uma continuidade simbólica que transcende a variedade de formas físicas que esses monumentos podem adotar.

Entre os cruzeiros presentes na Serra do Lenheiro, destaca-se o Cruzeiro do Zé Cobra, ou cruzeiro velho (Figura 1), situado em um morro na margem esquerda do Ribeirão São Francisco Xavier. Este cruzeiro, originalmente, localizava-se na praça Eduardo Rodrigues Vale (Senhor dos Montes), que foi transladado para a Serra. Em sua base, são encontrados vestígios de práticas religiosas populares, como a presença de imagens quebradas, velas, terços e outros objetos pequenos indicam a apropriação do local por parte das expressões espirituais. Embora essa crença não seja amplamente promovida pela Igreja Católica, a cultura popular sustenta que “um santo quebrado em casa atrasa a vida”, defendendo que a prática adequada seria levar a imagem danificada a um cemitério ou depositá-la em um cruzeiro (AZEVEDO, 2002). Essa crença, passada de geração em geração, acrescenta uma camada de significado simbólico ao cruzeiro do Zé Cobra, destacando não apenas seu valor religioso, mas também a interseção entre a fé e as práticas culturais enraizadas na comunidade local.



Figura 1 – Cruzeiro do Zé Cobra ou Cruzeiro Velho.

(Localização 21°7'26.39"S / 44°16'2.95"O)



Fonte: Autores, 2023.

Outro cruzeiro que desperta grande interesse é o Cruzeiro do Zé Poeta (Figura 2), situado na Serra do Caititu¹, e que guarda consigo uma história fascinante. De acordo com relatos transmitidos oralmente, este cruzeiro foi erguido por Zé Poeta, um faiscador² que dedicava seus esforços à busca de ouro na serra. Conforme a narrativa, na década de 1970, Zé Poeta fez uma descoberta notável ao encontrar uma pepita de ouro com impressionantes 660 gramas, o que foi o suficiente para fazê-lo abandonar a prática do garimpo e desaparecer do cenário local.

Antes de partir da cidade, Zé Poeta adquiriu um terreno e o doou generosamente para a Paróquia do Senhor dos Montes, que abrange a região. Como expressão de gratidão, ele instalou o cruzeiro como uma forma tangível de agradecimento. Curiosamente, após a instalação do cruzeiro, nunca mais se teve notícias de Zé Poeta. Essa história acrescenta uma dimensão única ao cruzeiro do Zé Poeta, transformando-o não apenas em um marco religioso, mas também em um testemunho silencioso de uma reviravolta significativa na vida do faiscador, que encontrou riqueza além do ouro no gesto de generosidade e reconhecimento expresso por meio do cruzeiro doado à comunidade.



Figura 2 – Cruzeiro do Zé Poeta. (Localização 21°7'46.44"S / 44°16'30.33"O)



Fonte: Autores, 2023.

Há outros cruzeiros fixados na Serra do Lenheiro, compondo uma rica paisagem espiritual da região. Destacam-se, entre eles, o Cruzeiro da Pedra Lisa (Figura 3), Cruzeiros das Águas Férreas (Figuras 4 e 5), além do Cruzeiro do Morro das Almas (Figura 6).

O cruzeiro da Pedra Lisa, erguido no morro homônimo, destaca-se como um marco das práticas religiosas locais. Sua presença é emblemática, adicionando camadas de significado à paisagem e conectando os habitantes da região com expressões de fé que transcendem o cotidiano. Os cruzeiros localizados nas Águas Gerais assumem uma função específica ao oferecer proteção espiritual à região. Essas estruturas não são apenas elementos visuais na paisagem, mas também guardiões simbólicos, simbolizando a crença na preservação espiritual e no resguardo contra influências negativas. O cruzeiro do Morro das Almas, localizado no ponto mais elevado da serra, assume uma posição de destaque. Sua imponência não apenas marca o ponto culminante da topografia local, mas também serve como um farol espiritual, evocando uma conexão profunda entre a comunidade e as dimensões sagradas presentes na Serra do Lenheiro.



Figura 3 – Cruzeiro da Pedra Lisa.
(Localização 21°8'1.07"S / 44°16'9.73"O)



Figura 4 – Cruzeiro das Águas Gerais, junto às lavras de mineração. (Localização 21°8'2.94"S / 44°16'36.03"O)



Figura 5 – Cruzeiro das Águas Gerais.
(Localização 21°8'2.94"S / 44°16'36.03"O)



Figura 6 – Cruzeiro no Morro das Almas.
(Localização 21°7'50.90"S / 44°17'41.66"O)



Fonte: Figuras a, b, c: Autores, 2023. d) Carvalho, 2024.

Embora mantendo uma forte conexão com a religião católica, alguns cruzeiros na Serra do Lenheiro estão intrinsecamente ligados às práticas das religiões afro-brasileiras. Apesar do sincretismo pronunciado entre as religiões afro-brasileiras e o Cristianismo, especialmente o Catolicismo, os cruzeiros estabelecidos por praticantes dessas religiões tendem a se distanciar do significado católico tradicional, aproximando-se de suas raízes



africanas. Enquanto no catolicismo popular³ as cruzes são símbolos da “vitória de Jesus sobre a morte e a aliança com o povo cristão” (CHAVES, 1932). No Candomblé, por exemplo, eles estão associados à “sabedoria do Orixá Omolu” (CASTRO, 2012). Na Umbanda, por sua vez, os cruzeiros estão vinculados ao culto às almas, demonstrando e remetendo à sociedade africana e sua profunda ligação religiosa aos cultos dos ancestrais (THORNTON, 2008).

Os cruzeiros que se entrelaçam com as expressões religiosas afro-brasileira, conforme evidenciados nas figuras abaixo (Figuras 7, 8 e 9a/b), não apenas enriquecem a diversidade espiritual da região, mas também testemunham a coexistência harmoniosa de diferentes tradições religiosas na comunidade local.

Figura 7 – Cruzeiro da Casa de Força do Terreiro de Umbanda Pai Joaquim de Angola, um dos terreiros mais tradicionais da cidade de São João del-Rei. (Localização 21°8'5.14"S / 44°16'33.92"O)



Fonte: Autores, 2023.



Figura 8 – Cruzeiro do Pai Benedito. Cruzes duplas, ladeadas por assentamentos dos Orixás Oxóssi, Ogum e Xangô e um espaço a parte, assentamento de Exus. O local é datado de 1982, sendo fundado pela Sra. Matilde e Srs. José Isaias e Osni. (Localização $21^{\circ}8'17.17''S / 44^{\circ}17'9.70''O$)



Fonte: Autores, 2022.

Figura 9a e 9b – Cruzeiros localizados próximo à curva da Macumba, local de culto umbandista. (Localização: a) $21^{\circ}8'17.07''S / 44^{\circ}17'12.12''O$; b) $21^{\circ}8'17.76''S / 44^{\circ}17'9.70''O$)

a)



b)



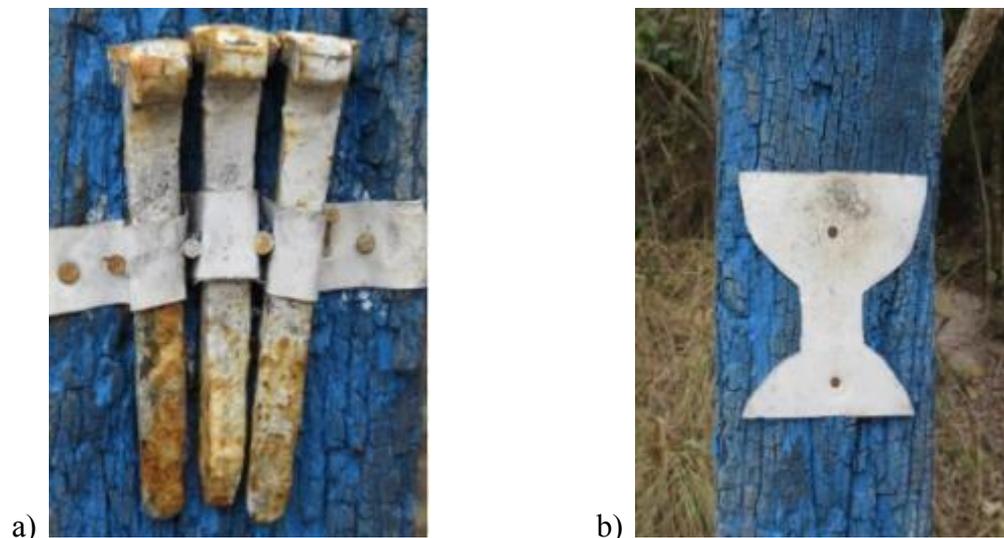
Fonte: Autores, 2022.

Alguns cruzeiros da Serra do Lenheiro são enriquecidos por elementos representativos da Paixão de Cristo, conhecidos como “Estigmas da Paixão” e/ou “*Armas Christi*”⁴⁷. Cada um desses símbolos possui características únicas, e vale ressaltar que nem todos os cruzeiros exibem esses estigmas. Entre os símbolos mais frequentemente encontrados nessa região, destacam-se:

- Cálice: representa a oração de Jesus ao pai momentos antes de sua crucificação, quando expressou: “Meu Pai, se foi possível, afasta de mim este cálice” (Mt. 26.39);
- Coroa de Espinhos: simboliza a coroa cruelmente colocada em Jesus como zombaria de sua realeza;
- Cravos: três unidades que recordam os cravos utilizados para prender Jesus na cruz;
- Dados: fazem referência à prática da época em que os pertences dos condenados eram disputados entre os soldados romanos por meio do lançamento de dados;
- Galo: associa-se à profecia de Jesus sobre a negação de Pedro;
- Lança: evoca a perfuração do lado esquerdo de Jesus enquanto estava na cruz;
- Martelo: instrumento utilizado para fixar os cravos nas mãos e pés de Jesus durante a crucificação;
- Título Crucis: exhibe a inscrição INRI (em latim – Jesus Nazarenus Rex Iudeorum), designação dada por Pôncio Pilatos.



Figura 10a e 10b – Estigmas da Paixão representados no Cruzeiro de força do terreiro de Umbanda Pai Joaquim. (Localização: 21°8'5.14"S / 44°16'33.92"O)



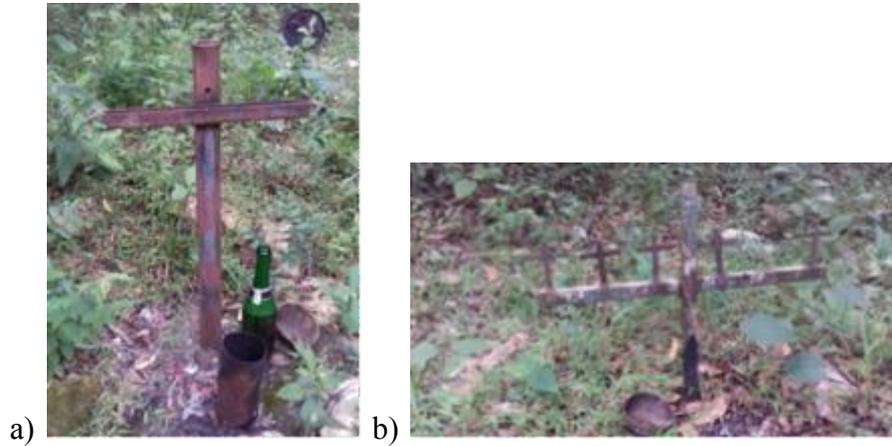
Fonte: Autores, 2020.

Adicionalmente, a presença de outros elementos varia conforme a particularidade de cada estrutura. Esses elementos adicionais podem incluir uma diversidade de símbolos e representações a eventos cruciais da narrativa bíblica. A riqueza e a variedade desses elementos adicionais contribuem para a singularidade de cada cruzeiro, proporcionando uma experiência única aos observadores e reforçando a conexão com a mensagem religiosa que eles transmitem.

Além dos cruzeiros empregados nas práticas religiosas afro-brasileiras, observa-se a instalação de cruzes que funcionam como assentamentos para as entidades cultuadas por essas religiões. A finalidade desses assentamentos é criar um ponto de proteção, defesa, descarga e irradiação, emitindo vibrações que auxiliam nas atividades realizadas nos terreiros (Figuras 11a e 11b). Esses pontos de convergência simbólica desempenham um papel significativo na conexão espiritual e na execução dos rituais, contribuindo para a eficácia das práticas religiosas afro-brasileiras.



Figura 11a e 11b – Cruzes utilizadas como assentamentos dos guias de esquerda na área do Cruzeiro do Pai Benedito (Localização: 21°8'18.97"S / 44°17'0.43"O)



Fonte: Autores, 2020.

Cruz de beira de caminho

Comumente posicionadas ao longo de estradas e rodovias, as cruzes à beira do caminho representam pontos de memória e história daqueles que faleceram, servindo como um lembrete para quem passa pelo local. Além de serem símbolos de luto, essas cruzes também funcionam como um convite à reflexão, oração e precaução durante a jornada. Muitos que transitam por esses lugares costumam fazer o sinal da cruz como uma expressão de prece pela alma da pessoa cujo ciclo de vida foi interrompido (AZEVEDO, 2014). Na Serra do Lenheiro, as cruzes posicionadas à beira do caminho geralmente marcam locais de tragédias, como acidentes fatais e mortes, identificando áreas consideradas perigosas ou associadas à narrativa de assombração (Figuras 12 e 13). Dessa maneira, esses elementos sacralizam o ambiente, simbolizando o delicado equilíbrio entre os perigos inerentes e as bênçãos que podem ser invocadas no espaço (PASSARELLI et al., 2023).



Figura 12 – Cruz localizada junto ao antigo muro de pedra vestigial e imediações de mundéu de grande porte. (Localização $21^{\circ}8'25.93''S / 44^{\circ}16'45.75''O$)



Figura 13 – Cruz de beira de caminho localizada no Morro da Via Sacra. (Localização $21^{\circ}8'11.01''S / 44^{\circ}16'57.13''O$)



Fonte: Autores, 2020.

Uma cruz de beira de caminho notável na Serra do Lenheiro é a cruz de Lorena. Diferenciando-se de outros modelos, a Cruz de Lorena consiste em uma linha vertical cruzada por duas linhas horizontais menores. Também conhecida como cruz de Borgonha ou cruz de Caravava, este amuleto religioso enaltece a Providência Divina e é empregado pela Igreja Católica para representar um cardeal. Segundo alguns historiadores, a origem desse desenho está associada a um suposto milagre ocorrido na cidade de Caravaca, na Espanha, possivelmente durante a época em que era uma fortaleza da Ordem dos Templários. Na cultura francesa, a Cruz de Lorena é um símbolo significativo de liberdade, portada por Joana d'Arc durante suas batalhas. A introdução desse símbolo no Brasil é atribuída aos Padres Jesuítas da Companhia de Jesus, muitos dos quais eram oriundos da cidade espanhola de Caravaca (MARTÍNEZ, 2009).

Na Serra do Lenheiro, a cruz de Lorena está fixada próximo a um bloco rochoso, onde está construído um nicho com imagens de Santos Católicos (Figura 14).



Figura 14 – Cruz de Lorena presente na Serra do Lenheiro. (Localização 21°8'48.25"S / 44°18'14.75"O)



Fonte: Autores, 2023.

Cruz de Via Sacra

A Via Sacra é um percurso sagrado que convida à reflexão sobre a Paixão e Morte de Cristo. Também conhecida como *Via-Crucis*, essa prática envolve percorrer mental ou fisicamente o trajeto que Jesus fez carregando a cruz até a crucificação. Essa tradição é frequentemente observada durante a Quaresma, o período que antecede a Páscoa, proporcionando aos fiéis uma oportunidade de contemplar a Paixão e Morte de Cristo (SANTANA, 2009).

Organizadas em sequências que proporcionam pausas para orações e reflexões, a Serra do Lenheiro oferece duas séries completas de cruzes de Via Sacra. Essas sequências incluem a trilha que se estende da Chácara para o Morro das Lamas, destacadas nas figuras 15 e 16, e a trilha que se inicia no Córrego Seco, continuando até o cruzeiro do Zé Poeta, como ilustrado nas figuras 17, 18 e 19. Esses percursos oferecem aos peregrinos e/ou fiéis à oportunidade de percorrerem fisicamente, ou mentalmente, a jornada de Jesus carregando a cruz, proporcionando momentos significativos de contemplação durante a Quaresma ou em outras ocasiões de reflexão espiritual.



Figura 15 – Posicionamento das Cruzes de Via Sacra no morro homônimo.



Fonte: Autores, 2023



Figura 16 – Cruzes fixadas na trilha do Morro da Via- Sacra.



Fonte: Autores, 2023.



Figura 17 – Posicionamento das cruzes na trilha entre o Córrego Seco e o alto da Serra do Caititu.



Fonte: Autores, 2022.

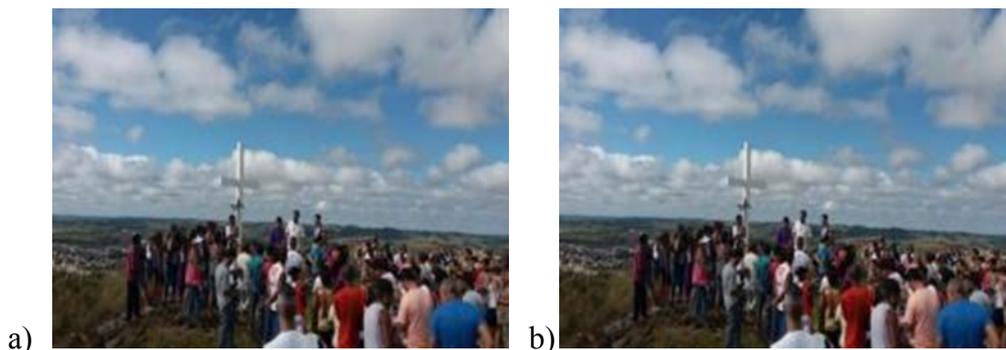
Figura 18 – Cruzes fixadas na trilha do Córrego Seco e o alto da Serra do Caititu.





Fonte: Autores, 2023.

Figura 19a e 19b – Cenas de uma Via Sacra na Serra do Caititu com celebração final no Cruzeiro do Zé Poeta.



Fonte: Autores, 2023.

Nas cruzes finas (Cruzeiro do Zé Poeta e do Morro da Via Sacra) é possível notar a colocação de pedras nos pés dessas cruzes. Esse costume, disseminando de norte a sul do Brasil, remonta aos costumes judaicos. Em sua maioria, essas pedras representam contas de oração. Cada indivíduo que passa pelo local e/ou participa da Via Sacra realiza uma oração, ou prece, depositando uma pedra ao término de cada momento de reflexão (BARBOSA, 2006). Para muitos, esse ritual também pode simbolizar a ação de passar o dedo em uma conta do rosário, funcionando como um método de contagem e/ou marcação durante suas práticas espirituais.

Cruz de Promessa

Em linhas gerais, a concepção primordial de uma cruz é associada à proteção. Contudo, quando alguém recebe uma bênção ou tem uma prece atendida pela “Santa Cruz”, é comum que se comprometa a cumprir uma promessa. Dessa forma, as cruzes votivas podem ter sua



origem individual, familiar ou grupal, porém, após a sua instalação, transformam-se em elementos de uso devocional coletivo (DUARTE, 2002). Na Serra do Lenheiro, destaca-se a presença de uma única cruz votiva. Nessa, podem ser identificadas inscrições de um nome próprio (João Paulo) e a palavra “ajuda”, juntamente com a disposição de semestres de fava de umbela e um terço de orações, conforme ilustrado na figura 20. Esse exemplar singular não só representa um compromisso individual, mas também se integra ao contexto devocional compartilhado na região.

Figura 20 – Cruz de Promessa (Cruz do João Paulo).



Fonte: Autores, 2020.

A materialidade simbólica se traduz no ato de impregnar o mundo com significados duradouros. Nesse contexto, as cruzes emergem como um eixo central que agrega o espaço construído da religião inapagável na paisagem da Serra do Lenheiro. Conforme observado por Grabar (1988), o domínio religioso se configura pela interseção de três valores solidários:

- O espiritual: congrega significados místicos e éticos atávicos da religião, refletindo-se simbolicamente em forma, imagem e prática social;
- O cultural: originando de práticas sociais e costumes, confere à religião seu caráter representativo, remetendo à consciência e seu passado e situação geográfica;
- O estético: representa a expressão e imagem inspirada em valores religiosos, variando devido ao contexto histórico do local.

A paisagem religiosa da Serra do Lenheiro reflete os significados atribuídos pelas premissas religiosas, constituindo camadas sobrepostas de representações culturais em diferentes tempos e por diversas matrizes religiosas. Entretanto, as estruturas religiosas como elementos marcantes na paisagem criam uma distinção entre o objetivo religioso constituído e o mundo da materialidade imediata. Elas representam a realização do espírito humano sobre a matéria, sendo expressões da imaginação e interpretação das realidades religiosas, manifestadas na



paisagem. Dessa forma, a paisagem da Serra do Lenheiro e suas cruzes se tornam uma expressão de representações culturais que testemunham a prática religiosa e o anseio de transcendência do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das cruzes na Paisagem da Serra do Lenheiro não apenas se destaca por suas diversas manifestações, mas também pelo desenvolvimento de uma prática e teoria mística que envolvem múltiplos núcleos espirituais. Ao analisar essa dinâmica, podemos compreender a afirmativa de Loiola (2007) de que o espírito, representando a cultura, e a alma, refletindo os sentimentos, atuam conjuntamente para criar um ambiente de vivência humana. Essa interação deixa suas marcas na paisagem, materializando-se como cultura material, e tais marcas devem ser interpretadas. Ao considerar a intrínseca geograficidade inerente a essas cruzes e cruzeiros, torna-se imperativo ressaltar a relevância dos estudos geográficos na compreensão e contextualização desses elementos na paisagem. Os estudos geográficos desempenham um papel crucial ao oferecer uma lente analítica para examinar a interseção entre o espaço físico e as práticas culturais refletidas e exemplificadas acima, através das práticas religiosas e sociais que ocorrem nas cruzes e/ou cruzeiros.

A compreensão da paisagem cultural da Serra do Lenheiro, especialmente no que se refere às cruzes, possui implicações diretas no uso e desfrute diário do espaço, tanto por parte da comunidade no entorno quanto dos praticantes religiosos. Destaca-se a importância atribuída aos aspectos espirituais e às memórias afetivas associadas a essas paisagens, impulsionando esforços voltados para a promoção de ações benéficas nesse contexto. A diversidade e multiplicidade das cruzes podem ser interpretadas como expressões sensoriais, domínios simbólicos, manifestações afetivas, construções imaginativas e elementos de aprendizado sociocultural. Essas manifestações não apenas enriquecem a experiência cotidiana da comunidade, mas também contribuem para a construção de significados profundos associados ao espaço cultural e paisagístico da Serra do Lenheiro.

Nesse sentido, as cruzes se revelam como elementos dinâmicos na paisagem da Serra do Lenheiro, destacando sua significativa relevância para o ser humano. A vivência religiosa, embora subjetiva, demonstra um impacto positivo na vida social, incentivando atitudes e comportamentos coletivos em relação ao sagrado. As formas espaciais resultantes desse engajamento têm consequências palpáveis na rotina da sociedade, deixando uma marcante influência na configuração da paisagem.

NOTAS

1 - Topônimo de uma elevação do Complexo da Serra do Lenheiro



2 - Termo utilizado para se referir aos sujeitos que vão ao garimpo esporadicamente e levam o cascalho “faiscar”, na esperança de “pegar” alguma pedra preciosa, as não estão diretamente relacionados com a garimpagem e nem se consideram “garimpeiros profissionais” (GOMIDE et al., 2018)

3 - O Catolicismo Popular é um conceito que abrange muitas práticas, mas todas com um sentido parecido. Nessas práticas existem fé e devoção, porém, existem cultos às divindades, culto à natureza e prática consideradas heréticas pelo catolicismo apostólico romano, como magias, simpatias, uso de apetrechos para sorte, etc. (DOMEZI, 2006).

4 - Os instrumentos e objetos relacionados à Paixão de Cristo, que seriam utilizados posteriormente em Minas Gerais em cruzeiros populares, foram ilustrados em manuscritos do século XIV (1312) pertencentes à Biblioteca Nacional da República Tcheca.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. A. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em Etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010.
- AZEVEDO, L. B. **Uma Cruz na Beira do Caminho**: o imaginário jardinense sobre as cruzes de uma estrada. 2014. Monografia (Trabalho de Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2014.
- AZEVEDO, T. **Catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Salvador: EdUFBA, 2002.
- BARBOSA, L. A. **Resistência Cultural dos Judeus no Brasil**. 2006. Dissertação (Mestrado e Ciências da Religião) – PUC Goiás, 2006.
- BELLINO, A. **Archeologia Christã**: Descrição Histórica de todas as Igrejas, Capelas, Oratórios, Cruzeiros e outros Monumentos de Braga e Guimarães. Lisboa: EHP, 2010.
- BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global: Esboço Metodológico. **Raega, o Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, p. 141-152, 2004.
- BOXER, C. **O Império Marítimo Português (1415-1855)**. Lisboa: Edições 70, 2011. CARREIRA, A. **Simbologia Oculta de La Cruz**. Barcelona: Editorial Humanitas, 1990.
- CARVALHO, M. R. O beijo e a Santa: devoção e sociabilidade nas Minas do Século XVIII. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO IBERO-AMERICANO. 4., 2006, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2006.
- CARVALHO, M. R. O culto à Santa Cruz em Minas do Ouro: religiosidade popular no Bispado de Mariana – 1745/1830. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 17., 2005. Londrina. **Anais...** Londrina: ANPUH, 2005. p. 219-223.
- CASTRO, S. L. P. **O Cruzeiro e suas Histórias Cruzadas**: Devoções e Experiências Entre a Umbanda e o Catolicismo em Juiz de Fora. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- CHAVES, L. Cruzeiros de Portugal. **Revista Brotéria**, v. 14, p. 4, 1932.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.
- CONCEIÇÃO, R. F. T. “Quo Votis?": pelos caminhos do Entre-Cávado-e-Minho nas Inquisições Gerais de 1258. **Atas dos Encontros da Primavera**, v. 2, p. 163-197, 2019.
- DIEGUES, A. C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2001.
- DOMEZI, M. C. A **Devoção nas CEBs**: Entre o Catolicismo Tradicional Popular e a Teologia da Libertação. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- DUARTE, H. S. **Ex-votos e poiésis**: olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
- FLORIAN, N. et al. Medicina popular, catolicismo rústico, agrobiodiversidade: o amálgama cosmo-mítico-religioso das territorialidades tradicionais na região da Serra das Almas, Paraná, Brasil. **Geografia**, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 331-350, 2016.
- GEERTZ, C. A **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMIDE, C. S. et al. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Mineração**. Marabá: Sociedade Editorial Iguana, 2018.
- GONÇALVES, F. Os Painéis do purgatório e as Origens das "Alminhas" Populares. Viana do Castelo: **Boletim da**



Biblioteca Pública Municipal, 1959.

- GRABAR, O. O sentido do Sagrado. **O Correio da Unesco**, v. 16, n. 10, p. 27-31, 1988.
- LOIOLA, Sergio Almeida. **Por uma Geografia do Passado Distante**. Marcar Pretéritas na Paisagem como Memória Espacial das Sociedades Autóctones. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- LUDWIG, A. C. W. **Fundamentos e prática de metodologia científica**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.
- MACEDO, E. U. Religiosidade popular Brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, n. 7, p. 1-20, 2008.
- MARQUES, J. G. W. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. IN: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Eds). **Métodos de análise e coleta de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP, 2002. p. 31-46.
- MALDOS, R. **A Formação Urbana da Cidade de São João del-Rei**. 2000. Disponível em: <http://saojoaotransparente.com.br>. Acesso em: 04 set. 2023.
- MARTÍNEZ, I. P. Indulgencias a la Cruz de Caravaca. **Dialnet**, n. 120, p. 69-94, 2009.
- PASSARELLI, U. et al. **Dossiê Serra do Lenheiro**. São João del-Rei: Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, 2023.
- PEREIRA, A. L. Testemunhos Materiais da Fé e da Religiosidade Popular: Cruzes, Cruzeiros, Vias-Sacras, Nichos e Alminhas do Concelho de Carrazeda de Ansiães. **Revista Memória Rural**, v. 5, p. 8-75, 2022.
- RANQUEAT JÚNIOR, C. A. **Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- ROSENDAHL, Z. **Primeiro a Obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da igreja católica no Brasil de 1500 a 2005**. 1 ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- SANTANA, M. C. **Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SEBASTIÁN, S. **Mensaje Simbólico del Arte Medieval**. Barcelona: Encuentro Ediciones, 1996.
- SILVA JÚNIOR, A. S. S. O home religiosus na formação do seminário cearense. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 3, n. 2, p. 125-143, 2009.
- STRACHULSKI, J. **Os saberes ecológicos tradicionais de agricultores da comunidade rural Linha Criciumal e sua relação com a paisagem rural – Cândido de Abreu, PR**. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.
- STOTT, J. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- TAVARES, R. R. B. Serra do Lenheiro em São João del-Rei como atrativo Ecoturístico: um estudo de caso. **Revista Eletrônica Saberes Interdisciplinares**, v. 7, n. 1, p. 48-67, 2011.
- THORNTON, J. Religião e Vida Cerimonial: o Congo e Áreas Umbundo de 1500 a 1700. In: HEYWOOD, L. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

FERREIRA, Arlon Cândido. TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. PASSARELLI, Ulisses. GOMES, Ivair. FIGUEIREDO, Múcio do Amaral. As cruzes na Serra do Lenheiro: símbolos de fé, territorialização e cultura popular na região de São João del-Rei. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 21, n. 1, p. 117-141, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.82915>. Acesso em: DD MMM. AAAA.